CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
24 DE JULHO 2023

SESSÃO "DESAMORES E OUTROS HORRORES"

À TARDE, SOB O SOL / 2020

Realização e argumento: Gonçalo Pina / **Direção de fotografia**: Mateus Amaral Oliveira / **Direção de som**: Hugo Costa / **Montagem**: João Macedo, Gonçalo Pina / **Direção de arte**: Margarida Paias / **Interpretação**: Miguel Baltazar, Ana Arinto, David S. Costa.

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema / **Direção de produção**: Gonçalo Pina, Rui Ferreira / **Cópia**: Ficheiro digital, cor, sem diálogos / **Duração**: 10 minutos / **Estreia**: 2020, Festival IndieLisboa

LONGE / 2010

Realização: Carlos Pereira / **Argumento**: Gonçalo Codeço / **Direção de fotografia**: Paula Lameiras / **Montagem e direção artística**: Vanessa Sousa Dias / **Direção de som**: Francisco Peres / **Misturas de som**: Francisco Peres, Levi Martins / **Música**: João Clemente / **Interpretação**: Miguel Ferreira, Nádia Santos, Sónia Neves.

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (um filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção**: Inês Lopes / **Cópia**: filmado em 16mm, cor, finalizado em DVCam, falado em português e legendado em inglês / **Duração**: 17 minutos / **Estreia**: 2011, Festival de Cinema Escolar AMIRANI em Tbilisi / **Estreia nacional**: 2011, Festival Curtas Vila do Conde

SITIADOS / 2006

Realização: Mariana Gaivão / **Argumento**: Bruno Dias / **Montagem**: Mariana Gaivão, Francisco Moreira / **Interpretação**: António Pedro Cerdeira (Rafael), Catarina Wallenstein (Diana).

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (um filme de estúdio dos alunos do 2.º ano) / **Direção de produção**: Daniel Rosa / **Cópia**: filmado em 16mm, cor, finalizado em Betacam SP, cor, falada em português / **Duração**: 12 minutos

6 MINUTOS / 2001

Realização: André Godinho / **Assistência de realização**: Bruno Garcia / **Argumento e direção de fotografia**: Pedro Pinho / **Câmara**: João Brandão / **Direção de som**: Hugo Alves / **Decoração e figurinos**: Octávio Rosado / **Montagem**: Ocátvio Rosado, Mário Silva, Rui Pires, Telmo Rodrigues **Interpretação**: Paulo Patraquim (condenado), Dinarte Branco (vizinho), Paula Diogo (mulher), guardas (Carlos Ferreira, Miguel Madeira, Carlos Sequeira).

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (um filme de estúdio dos alunos do 2.º ano) / **Direção de produção**: Miriam Vale / **Cópia**: 16mm, cor, som ótico, sem diálogos / **Duração**: 9 minutos / **Estreia**: 5 de julho de 2002, Festival Curtas Vila do Conde

DESVIO / 1996

Realização e argumento: Paulo Belém, Jorge Cramez / **Assistência de realização**: António Figueiredo / **Direção de fotografia**: Iana Ferreira / **Câmara**: João Ribeiro / **Montagem**: Paulo Belém, Jorge Cramez, Sandro Aguilar / **Som**: Miguel Marques, Vítor Joaquim / **Montagem de som**: Paulo Belém / **Misturas de som**: Branko Neskov / **Música**: Vítor Joaquim / **Figurinos**: Vítor Alves / **Anotação**: Fátima Chinita /

Interpretação: Carlos Aurélio, Fernando Candeias, Inês Câmara Pestana, Isabel de Castro, Julie Sergeant, Sylvie Rocha.

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (um filme extracurricular) / **Direção de produção**: Susana Madeira / **Chefia de produção**: Pedro Blanco / **Cópia**: 16mm, cor, som ótico / **Duração**: 26 minutos

Com a presença de Gonçalo Pina, Mariana Gaivão e André Godinho.

Esta sessão apresenta um conjunto de cinco curtas-metragens produzidas no contexto escolar da ESTC. Cinco curtas-metragens que a intervalos de 5/10 anos vão apresentando diferentes abordagens ficcionais às relações amorosas (à sua desagregação, à sua perversão, à sua degradação). A sessão segue uma ordem inversamente cronológica, partindo do filme mais recente (2020) para o mais antigo (1996) e nesse processo vamos saltando de suporte em suporte e de tecnologia em tecnologia (ficheiro digital, DVCam, Betacam SP, 16mm *dual-band*, cópia síncrona de 16mm). Apesar dessas sucessivas alterações preserva-se sempre uma certa tendência para o trabalho dos silêncios, dos diálogos comedidos, das modelações da luz que vão bem além dos padrões do naturalismo, de um recurso parco mas certeiro da música ou de uma aposta na subtileza dos atores – confirmando-se que a ESTC, mais do que uma escola de técnicas, é uma escola de éticas, que vinca uma certa ideia de cinema que se produz nos interstícios, nos não-ditos, nas elipses. É, claro, uma amostra demasiado reduzida para que dela se possam tirar ilações tão grandiloquentes, mas o certo é que cada um destes exercícios demonstra, para jovens (ou muito jovens) realizadores, uma maturidade que resulta, certamente, de um processo de reflexão metodológica sobre o cinema que, esse sim, é o centro nevrálgico de qualquer Escola que se intitule como tal.

Seguindo a ordem da sessão, começamos por **À tarde, sob o sol**, um exercício minimal feito de olhares cruzados e silêncios. Nesse sentido, é muito revelador o domínio da gramática do cinema de Gonçalo Pina que consegue construir toda uma narrativa de desejo não correspondido sem que para isso seja necessária uma linha de diálogo sequer. Trata-se de um amor de verão entre dois rapazes, um desejante, o outro alheado dos sentimentos do primeiro (ou a eles indiferente). O calor veranil, o suor, os saltos para a piscina, os corpos despidos, a latência dos dias longos impregna o filme de um mal-estar tão triste quanto solar. Um aldeamento na zona de Tavira dá corpo à interrupção das férias que é, simultaneamente, uma interrupção do desejo. E a cada plano de corte (o filme desmultiplica-se em "planos almofada", compondo uma paisagem de pequenos apontamentos neutros) reforça-se a indiferença do mundo perante aquela paixão sem rastilho. Até que, de forma melancólica, basta a presença do outro para apaziguar os apetites, o "estar junto", sentados lado a lado, à noite, vendo as estrelas, em silêncio. Um filme sensível, feito das costumeiras inseguranças do fim da adolescência (sendo possível estabelecer, com as devidas distâncias, uma afinidade profunda entre o olhar de Gonçalo Pina e o de João Rosas, nomeadamente em filme como **Maria do Mar** e **Catavento**).

Longe, de Carlos Pereira, dá sequência a esta abordagem quase muda sobre os laços amorosos que se tecem através dos não-ditos, dos olhares e dos gestos. As suas personagens são já adultas, na casa dos 30, e estão claramente presas a um quotidiano de ressentimentos, pequenas mentiras e, simplesmente, aborrecidas – ideia cristalizada no título da curta e na primeira imagem do filme, com o protagonista a correr sem sair do sítio no tapete rolante do ginásio; imagem essa que será ressignificada adiante. De qualquer modo, é curioso que também este

filme recorra ao "intervalo das férias" como momento de suspensão dessa mesma rotina para, a partir dele, refundar os sentimentos das personagens segundo novas alianças românticas. A graça é que aqui as férias são passadas em casa, num condomínio fechado de traços modernos (Miguel Ferreira interpreta um arquiteto), naquilo que se pode identificar como uma clara influência do cinema de Michelangelo Antonioni na forma de filmar a relação entre os corpos perdidos dos atores e a robusteza do betão. É neste ambiente apático que se produz um encontro – sentido como coisa carnal, ainda que isso nunca seja figurado – com a vizinha, acabada de chegar àquele universo circunspecto de linhas rígidas. A candura dela, o seu desapego, os seus sentimentos à flor da pele são um choque e têm um efeito profundamente desarmante naquele espaço gelado (tão gelado que as sequências em frente à lareira são povoadas por uma luz tão artificiosa como no cinema de estúdio de Douglas Sirk). Tudo fica por resolver, mas num instante acede-se a fagulha de um romance.

Se **Longe** pouco tem que ver com o cinema que Carlos Pereira viria a desenvolver (seguiria o modo diarístico em **I'm Sad, at Peace, and Proud**, a coleção de fragmentos narrativos e visuais em torno de um lugar, **Ghost Stories**, ou um episódio no limiar do fantástico, **Vulkan**), o mesmo acontece com Mariana Gaivão. Vendo as suas curtas **Solo** e **Ruby** é impossível não pensar que estes são filmes que se fundem com a paisagem que filmam. Como então encarar um exercício integralmente rodado em estúdio? A resposta, como o exercício que é! No segundo ano da ESTC aos alunos que seguem a vertente de realização é dada a possibilidade de elaborarem um filme de estúdio. O estúdio é um espaço malquisto para os alunos que o evitam quase sempre. Vários foram os filmes ali filmados, mas quase sempre o resultado é tosco e inconsequente (por exemplo, em anos recentes, salvam-se exercícios como **Fogo de Artifício** de Clara Jost ou **A Última Noite**, de Joana Carneiro Reis – mas pouco mais). Pois bem, **Sitiados** é um pequeno filme onde a realizadora procura explorar as possibilidades expressivas do cinema de estúdio, assumindo para isso as influências de David Lynch, Abel Ferrara ou William Friedkin (um cinema sujo, violento, perverso e rouco). Isso identifica-se na forma como Gaivão retrata a relação obsessiva com certos objetos do quotidiano (em particular o telefone fixo), com a música (ouve-se uma espécie de *country* no rádio), com a iluminação artificial (a luz que entra pelas persianas pinta tudo de vermelho, transformando o espaço do quarto de hotel num território de pesadelo), com a caracterização (a cicatriz no rosto de António Pedro Cerdeira) e com a própria trama (um jovem casal fugido – um rapto? –, ela jovem e inocente, que troca o pai abusador por um "príncipe encantado" que pouco ou nada tem de conto de fadas).

Outro exemplo de filme de estúdio é **6 Minutos**, que além disso é também um filme construído sem recurso a qualquer linha de diálogo (falado…). Realizado por André Godinho e escrito por Pedro Pinho, a curta-metragem parece literalizar o enunciado do exercício curricular quando, logo no início, se ouve um guarda prisional gritar, através da parede, "tens 5 minutos" (muito provavelmente a duração máxima do exercício, já que sendo filmado em película os alunos tinham grandes limitações no número de rolos disponível). Esta imposição exterior transforma-se na grande força do filme, que dentro das limitações de tempo se reduz ao essencial: dois prisioneiros, em celas contíguas, comunicam através da parede (numa claríssima alusão a **Un chant d'amour** de Jean Genet – ainda que aqui a dimensão homoerótica esteja muito diluída), um deles quer escapar e produz, a partir de pedaços de lençóis rasgados, uma corda. Na correria contra o tempo a ação vai sendo interrompida por uma memória sonhada da mulher e todo o filme se conjuga para produzir um tocante *raccord* que transforma o abraço da amante no laço da forca – a prometida fuga.

Por fim, a sessão termina com **Desvio**, de Paulo Belém e Jorge Cramez. Em meados dos anos 1990 a ESTC estabeleceu um acordo com o então Instituto do Cinema (nomeado à época IPACA) que, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, financiava filmes de ficção extracurriculares de alunos finalistas (e através de um outro plano de financiamento europeu, documentários igualmente extracurriculares). Com um orçamento mais significativo e outras condições de produção, fizeram-se vários filmes entre os 20 e os 30 minutos (durações inéditas para as produções da ESTC), que na maior parte das vezes lançaram os realizadores na profissionalização. São exemplos desse tipo de produção títulos como **Cadáver Esquisito** (1997) e **Mergulho no Ano Novo** (1993), e na área do documentário **Vencer a Sombra** (1996) ou **Margens** (1995). **Desvio** é um destes exercícios extracurriculares. Paulo Belém entrara na Escola de Cinema no ano de 1990-91 e seguiria a área de montagem, a mesma área que seguiria Jorge Cramez, que ingressara no curso de cinema no ano seguinte, 1991-92 (nestes anos, cruzar-se-iam com Raquel Jacinto, realizadora e técnica de som, com os diretores de fotografia Iana Ferreira e Paulo Ares, ou o montador Vítor Alves – porém o filme propiciou o encontros de várias turmas, anteriores e posteriores, descobrindo-se nos créditos nomes como o "câmara" João Ribeiro, o "montador" Sandro Aguilar ou a "produtora" Fátima Chinita).

Desvio é um filme bastante particular e que, à semelhança dos títulos anteriores, escapa largamente áquilo que viria a ser a obra de Jorge Cramez (Paulo Belém trabalha maioritariamente como anotador e assistente de realização tendo, no entanto, realizado um filme a solo, **W** em 2002). Há aqui uma crueldade e uma crueza que remetem para o cinema de Sam Peckinpah ou John Boorman (em particular **Deliverance**). Trata-se da história de um rapto de uma jovem rapariga para uma rede de prostituição onde ela é forçada a vender o seu corpo para benefício do homem que ela achava ser o seu namorado (e que a tiraria de uma vida de pobreza numa pequena povoação do interior). Começamos com uma mulher nua a correr nos campos, em fuga (será o início ou o fim?), uma abertura que, curiosamente, se repetirá em filmes portugueses futuros que procuraram abordar esta questão do tráfico humano (penso em **Transe,** de Teresa Villaverde, **Yulya**, de André Marques, realizado em 2015, e **Terra Amarela**, de Dinis M. Costa, os dois devedores deste filme de escola de Cramez-Belém – mesmo não o sabendo). Daí passamos para um *travelling* que percorre o comprimento de uma cama à qual essa mesma mulher está amarrada. Segue-se um diálogo violento de rebaixamento e solta-se um riso perturbador que se prolonga por vários minutos (um dos risos mais frenéticos do cinema português). A jornada de achincalhamento e desumanização daquela mulher surgirá entrecortada com um registo que quebra a lógica naturalista do filme: um falso documentário/reportagem televisiva composto por entrevistas de rua a pessoas da aldeia da rapariga que testemunham o seu desaparecimento (extraordinária Isabel de Castro!). Outro ator veterano faz aqui um papel de extrema complexidade, Canto e Castro, a encarnação do pragmatismo cego.

O que resulta de tudo isto é um filme perturbador onde se descobrem momentos de tocante irmandade entre as várias mulheres daquele bordel (umas mais alienadas, outra menos) – veja-se a sequência em que pintam as unhas dos pés ("para ficares bonita para os clientes"). E do mesmo modo que começou, também tudo acaba, com dois planos silenciosos e que surgem sem grande aviso: um grande plano do rosto de Inês Câmara Pestana contra o fundo de uma estrada que corre veloz e um plano dos seus pés, ao vento, debaixo de uma manta axadrezada na caixa aberta de uma carrinha que segue, estrada fora (os mesmos pés de unhas pintadas de vermelho).

Ricardo Vieira Lisboa